

LUDWIK FLECK E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE CONSCIÊNCIA

Fernanda Cabral Schweitzer

Mariana Cabral Schweitzer

RESUMO. Este artigo objetiva apresentar a epistemologia de Ludwik Fleck, discutir sobre os estilos e coletivos de pensamento na produção do conhecimento e relacionar com os estudos sobre a consciência, desenvolvidos pela Conscienciologia. Ao considerar o paradigma consciencial propõe-se incluir na análise o *paraestilo* e o *paracoletivo* de pensamento e sua aproximação com os conceitos conscienciológicos.

Palavras-chave: Ludwik Fleck, Paradigmas científicos, Conscienciologia.

INTRODUÇÃO

O modelo das ciências constitui o esquema de explicações dominantes nas sociedades industrializadas, considerado mais plausível e intelectualmente aceito, mas nem por isso exclusivo (MINAYO, 2004). Visto que a ciência não conseguiu produzir verdades suficientes para um mundo acelerado, que carece continuamente de respostas, e uma vez que não existem verdades absolutas, criaram-se lacunas na resolução dos problemas, surgindo crises no mundo contemporâneo em relação à produção do conhecimento (PIRES, 2005).

Dessa forma, a evolução científica pode ocorrer em todos os segmentos de estudo, e no caso da saúde, por exemplo, esse amadurecimento se implementou por meio de mudanças no pensamento e na prática assistencial e de gestão por parte dos profissionais, influenciando a qualidade da assistência prestada aos usuários. Todavia, essas mudanças, ainda que representem avanços no cuidado, nem sempre foram ou são facilmente incorporadas pelos profissionais e usuários da saúde.

A história nos traz exemplos quanto à dificuldade de assimilação de mudanças nas práticas de saúde. Foram necessários mais de 100 anos para que as descobertas sobre como prevenir escorbuto em alto mar fossem implantadas como medida de promoção de saúde. Em 1601, o capitão inglês James Lancaster descobriu que a adição de três colheres de suco de limão na dieta dos marinheiros reduzia completamente a chance de adoecer pela doença. Todavia, foi somente em 1795 que a marinha inglesa adotou essa prática para as suas embarcações (ROGERS, 2004).

Diversos fatores influenciam para que um conhecimento seja incorporado na prática em saúde. No caso da Vitamina C, os benefícios diretos não foram suficientes para a imediata difusão e aplicação deste saber. Além de anos, novos pesquisadores e experiências foram necessários para eliminar o escorbuto da marinha mercante (ROGERS, 2004).

Para o médico polonês Ludwik Fleck todo o conhecimento científico é mutável, histórico e coletivo. Fleck (1992) propõe que os avanços do conhecimento científico ocorrem através de mudanças no Estilo de Pensamento (EP) dos Coletivos de Pensamento (CP). Exemplifica sua teoria com as transformações sofridas pelo conceito da sífilis, desde o século XV até o XX. Nesse período, o conceito inicialmente místico mudou, através do empírico e do patogênico, para um conceito predominantemente etiológico.

O EP consiste, como em qualquer estilo, em uma determinada atitude composta por duas partes: disposição para um sentir seletivo e para a ação consequentemente dirigida. Trata-se para Fleck (1992) de um perceber dirigido, a partir da elaboração intelectual e objetiva deste percebido e que pode também ir acompanhado pelo estilo técnico e literário deste sistema do saber.

Um grupo de pesquisa pode compor um Coletivo de Pensamento, ao reunir pesquisadores, alunos e pessoal de apoio técnico para pensar coletivamente a produção e a regulação de um Estilo de Pensamento. O EP é o modo de ver, entender e conceber a partir de um determinado contexto bio-psico-social (CUTOLO, 2001).

Para Fleck (1992), um coletivo bem organizado é o portador de um saber que supera em muito a capacidade de qualquer indivíduo, visto que a estrutura social favorece o esforço organizado na divisão de tarefas, colaboração, intercâmbio recíproco de ideias, polêmica, etc. Como efeito, quase sempre o EP imprime uma força compulsória ao pensamento do indivíduo vinculado a um coletivo, visto ele raramente, ou quase nunca, estar consciente do EP prevalente (FLECK, 1992, p. 41).

Nesse sentido, identificar como ocorre a produção do conhecimento pode colaborar na elaboração de estratégias para estudar-investigar-pesquisar, inclusive quando o objeto é a consciência.

A Conscienciologia, neociência proposta por Vieira (2010), qualifica a consciência enquanto personalidade integral, princípio inteligente, ego, *self* ou personalidade além dos limites da pessoa humana, isto é, incluindo os processos parapsíquicos. Esta neociência admite a existência de outros corpos ou veículos de manifestação da consciência, além do corpo físico; pesquisando sua manifestação multidimensional, ou seja, nas diversas dimensões além da dimensão física; e ainda a condição multiexistencial da consciência, englobando desde as vivências anteriores ao renascimento na atual vida humana até as vivências posteriores ao descarte do corpo humano ou morte biológica (VIEIRA, 2010). Estudar as várias formas de manifestação da consciência permite entender suas consequências e necessidades evolutivas. Por fundamento metodológico e epistemológico, a Conscienciologia parte do princípio da descrença, assim expresso: “não acredite em nada do que aqui estiver apresentado. Experimente. Tenha suas experiências pessoais.” Implica, portanto, no estudo das vivências pessoais.

Este artigo objetiva apresentar a epistemologia de Ludwik Fleck, discorrer sobre os estilos e coletivos de pensamento na produção do conhecimento, e suas relações com os estudos sobre a consciência desenvolvidos pela Conscienciologia.

EPISTEMOLOGIA DE LUDWIK FLECK¹

Para Fleck (1992, p. 11) “a ciência não é uma construção formal e sim uma atividade realizada por comunidades de investigadores”. Dessa forma, conhecer esses investigadores, seu histórico de vida e experiências marcantes pode auxiliar na compreensão do cientista estudado.

Considerando essa proposta e contextualizando para melhor compreender as proposições científicas de Ludwik Fleck, o quadro a seguir retrata alguns momentos marcantes em sua trajetória de vida.

ANO	HISTÓRICO DE LUDWIK FLECK
1896	Nasceu em Lwow ¹ , na Polônia (atualmente na Ucrânia).
1921	Terminou seu doutorado em medicina e, aos 25 anos, foi convidado para assistir o Professor Rudolph Weigl na Cátedra de Biologia da Faculdade de Lwow.
1922-1939	Trabalhou como pesquisador e dirigente de laboratórios nacionais e privados, contribuindo muito com as pesquisas de microbiologia e imunologia. Nesse período, alternava seus horários com leituras vespertinas sobre filosofia, sociologia e história da ciência, e produziu cerca de 40 trabalhos científicos na área da Medicina. Em 1935, publicou seu livro <i>Entstehung and Entwicklung einer wissenschaftlichen Tatsache</i> (A gênese e o desenvolvimento de um Fato Científico) onde descreveu seus fundamentos epistemológicos.
1941-1944	Lwow é invadida pela Alemanha nazista e em 1942 Ludwik Fleck é detido, juntamente com sua família, e transformado em prisioneiro de guerra, sendo obrigado a trabalhar em laboratórios precariamente instalados nos campos de concentração.
1945-1961	Após ter sobrevivido à Segunda Guerra Mundial com sua esposa e filho, Fleck é nomeado diretor do Departamento de Microbiologia do Instituto de Medicina Ucraniano (Lwow depois da guerra passa a pertencer à Ucrânia) e continua a pesquisar sobre imunologia. A partir desse período, Fleck viajou pelo mundo participando de congressos e publicou um total de 87 trabalhos em diferentes países (Polônia, França, Inglaterra, Estados Unidos, Suíça e Brasil) antes de falecer em 1961, em Ness-Ziona/Israel, devido a um infarto.

Quadro 01: Períodos importantes da vida de Ludwik Fleck
(LOWY, 2004, CUTOLO, 2001, FLECK, 1992)

Os escritos históricos e epistemológicos de Fleck permaneceram praticamente desconhecidos até 1962, quando sua obra *A gênese e o desenvolvimento de*

¹ Esse material já foi apresentado em: SCHVEITZER, MC. Estilos de Pensamento em Educação em Enfermagem: uma análise da produção científica das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2010.

um Fato Científico foi citada por Thomas Kuhn, no prefácio de *A Estrutura das Revoluções Científicas* (LOWY, 1988).

Em 1979 é lançada a primeira tradução para inglês de *A gênese e o desenvolvimento de um Fato Científico*, traduzida por Fred Bradley e Thaddeus J. Trenn, prefaciada por Thomas Kuhn, e publicada pela University of Chicago Press. Segundo Trenn, a decisão de produzir uma versão em língua inglesa decorreu da relevância de Fleck para as pesquisas daquele momento em sociologia, história e filosofia da ciência (FLECK, 1992).

Em 1980, a principal obra de Fleck foi reeditada por Lothar Schäfer e Thomas Schnelle, em língua alemã, patrocinada pela Fundação Volkswagen e o Editorial Suhrkamp – Frankfurt. Estes autores concordam ao descrever que os pensamentos de Fleck foram influenciados pelo Império Austro-Húngaro, que valorizava a autonomia, a liberdade e a filosofia (SCHÄFER & SCHNELLE, 1986). Especialmente a partir da Escola Polonesa da Filosofia da Medicina, que desenvolveu temas mais tarde retomados por Fleck, relacionados à impossibilidade de uma observação neutra, livre de pressupostos teóricos; à percepção dos fatos à luz dos conhecimentos e conceitos pré-existentes; e à reflexão teórica sobre a ciência na prática dos médicos e pesquisadores (LOWY, 1994).

Já traduzido para outros idiomas, em 2010 é lançada a primeira tradução do livro para o português, realizada diretamente do alemão, por Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira (FLECK, 2010). Em entrevista, os tradutores destacam que os escritos de Fleck antagonizavam justamente com a produção intelectual neopositivista do chamado Círculo de Viena²: “Certamente foi corajoso da parte dele ter-se oposto ao Círculo, que tinha um peso muito grande não só no Império, mas também na Alemanha e na comunidade científica como um todo” (JUNGHANS, 2011, p.1155).

Ainda assim, a contribuição de Fleck na área da epistemologia é pouco conhecida, possivelmente devido a sua origem judia-polaca. Tem sido resgatada pela Dra. Ilana Lowy do Centro Nacional de Pesquisas de Saúde da França. Esta autora relaciona os pensamentos de Fleck com o seu contexto histórico-social: guerra, libertação, afirmação da Polônia enquanto país católico preconceituoso em relação aos judeus e, principalmente, por sua origem médica ligada à Escola Polonesa da Filosofia de Medicina (LOWY, 2004).

O objetivo ambicioso de Fleck constituiu-se em desenvolver uma epistemologia comparativa, “a ciência da ciência” que poderia explicar como as ciências modernas e contemporâneas trabalham, ou seja, se constituem e relacionam, e como essa relação não pode ser separada da cultura e da sociedade onde estão inseridas (LOWY, 2004).

Atualmente Fleck é reconhecido como o pioneiro do construtivismo sociologicamente orientado, sendo o mais famoso dos médicos-filósofos poloneses

2 Círculo de Viena foi o movimento neopositivista realizado por filósofos e cientistas que se reuniram regularmente na Universidade de Viena. Embora seu período público seja considerado entre 1928 a 1934, seu início pode ser considerado desde 1907, quando ocorreram as primeiras reuniões.

(LOWY, 2004). As ideias de Fleck (1992) explicam o processo e a produção do conhecimento partindo de alguns conceitos principais, descritos no Quadro 02, e da interação dialética entre sujeito-objeto, na qual o sujeito coletivo, social e histórico produz conhecimento a partir da sua realidade.

CONCEITO	DESCRIÇÃO
Coletivo de Pensamento	A ciência é algo realizado cooperativamente, e pode ser caracterizada por um grupo de pesquisadores e seu Estilo de Pensamento.
Estilo de Pensamento	Modo de ver, entender e conceber um corpo de conhecimentos e práticas a partir de um contexto bio-psico-sócio-cultural.
Mudança no Estilo de Pensamento	É o processo fundamental para que ocorra o progresso do conhecimento, sendo dividida em três etapas: 1) instauração do novo estilo de pensamento, 2) extensão – formação de conceitos, 3) transformação – construção do fato científico.
Fato científico	Teoria histórico-evolutiva do conhecimento.
Círculo esotérico	Produtores de conhecimento ou cientistas.
Círculo exotérico	Fonte para a produção do conhecimento e consumidores do produto.
Coerção do pensamento	Modo de regular um Estilo de Pensamento.
Historicidade do saber	Admite um modelo de produção do conhecimento interacionista entre sujeito e objeto e evidencia a concepção dialética da verdade.
Interdisciplinaridade	Diferentes coletivos e estilos de pensamento podem interagir nas zonas fronteiriças – espaços de transição, para a construção do conhecimento.
Harmonia das Ilusões	Adequação de novos conhecimentos àqueles previamente estabelecidos, visando à manutenção de um Estilo de Pensamento.
Matizes	A visão intermediária do Coletivo quando ocorre a coexistência de diferentes Estilos de Pensamento

Quadro 02: Descrição dos conceitos propostos por Ludwik Fleck (LOWY, 2004, CUTOLO, 2001, FLECK, 1992).

Para Fleck (1992), o saber é uma atividade social por excelência e não pode ser compreendido como ato individual, é pensado em conjunto e compõe o Estilo de Pensamento de um Coletivo. Os Estilos, por sua conta, condicionam o saber dos diferentes Coletivos de Pensamento e são estabelecidos por meio de círculos esotéricos, formado por grupos de cientistas, interagindo com círculos exotéricos, comunidade fonte para produção do conhecimento e sua consumidora.

Este autor também discorre sobre a importância da densidade de interações da ciência moderna para compreender a estabilidade e a universalidade da ciência ocidental. Essa densidade permite homogeneizar ideias e práticas, oferece forte resistência a qualquer coisa que lhe seja contraditória e cria, assim, uma harmonia de ilusões. Essa harmonia primeiramente irá tentar adequar (coagir)

um novo conhecimento ao fato científico já aceito pelo coletivo, ou, então, será eficientemente neutralizado por este coletivo (LOWY, 2004).

A representatividade desses conceitos atualmente vem encontrando respaldo na área da saúde. A identificação dos diferentes Estilos de Pensamento vinculados a um Coletivo seja na práxis de um estágio curricular da enfermagem (BACKES, 2000), ou na grade curricular da medicina (CUTOLO, 2001), ou na produção científica de um departamento de saúde pública (DA ROS, 2000), auxilia os pesquisadores a melhor compreender as mudanças ocorridas na evolução da produção do conhecimento.

PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Gerar, criar (BARBOSA, 2000) conhecimento é “função ou ato da vida psíquica que tem por efeito tornar um objeto presente aos sentidos ou à inteligência” (JAPIASSÚ, 1996, p.51). Para Fleck (1992), o conhecimento é percebido como capacidade humana de discutir e de analisar no coletivo as relações dos seres humanos, de si mesmos e do ambiente em que vivem, na teoria e na prática, e, resultado do processo social humano desde o início da civilização. Nenhuma forma de conhecimento é uma entidade independente que surge separada do sujeito e de um contexto sociocultural (CESTARI, 2003).

A ciência é o “conjunto de conhecimentos metodicamente adquiridos, mais ou menos sistematicamente organizados, e suscetíveis de serem transmitidos por um processo pedagógico de ensino” (JAPIASSÚ, 1996, p.43). Compreendida como método para guiar o estudo e a prática de disciplinas, variando em períodos temporais cíclicos e não devendo ser considerado valor inquestionável, mas ser debatido constantemente, especialmente acerca da dificuldade de observar o ser humano na condição de ser indissociável.

No início da década de 1950, os avanços científicos influenciaram a produção do conhecimento. Configurou-se nesse período um EP ajustado ao saber científico, com predileção pelo processo em relação ao conteúdo da pesquisa (KUHN, 1970).

Todavia, além de modelos e normas rígidas, a cientificidade deve ser pensada como uma ideia reguladora de alta abstração que relaciona teoria e realidade empírica, por meio do método (MINAYO e SANCHEZ, 1993).

Ramo importante da ciência, a pesquisa em universidade cresceu na América Latina após a 2ª Guerra Mundial, com a criação dos Conselhos Nacionais de Pesquisa, Ciência e Tecnologia, nas décadas de 50 e 60. Sua produção se acelerou em dois momentos distintos: no final dos anos 70 e início dos anos 90, com o crescimento dos cursos de pós-graduação (CARVALHO, 1998).

Juntamente com o aumento dos cursos de Pós-Graduação, observou-se o crescimento da produção científica em periódicos e em eventos específicos (CASTRILLÓN, 2004). Entretanto, a produção científica na América Latina não causou impacto semelhante ao dos países da Europa e aos Estados Unidos (GIBBS, 1995).

Assim, como estratégia para atingir as exigências acadêmicas internacionais ocorre no Brasil, a partir da década de 90, a constituição de Grupos de Pesquisa e núcleos de estudo (CARVALHO, 1998). O modelo brasileiro para formação de cientistas engloba a formação de Grupos de Pesquisa, a iniciação científica, cooperações e a Pós-Graduação (ERDMANN e LANZONI, 2008).

Todavia, no Brasil existe um crescimento desigual de grupos e institutos de pesquisa, que desenvolvem diferentes temáticas em nível de excelência. Em 2014, estavam registrados 35.424 grupos de pesquisa no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil: 15.549 no Sudeste, 7.938 no Sul, 7.215 no Nordeste, 2.654 no Centro-Oeste e 2.068 no Norte (CNPq, 2016).

A distribuição geográfica dos Grupos de Pesquisa depende da localização dos cursos de Pós-Graduação. Ademais, a produção científica do país é gerada em sua quase totalidade no âmbito dos Programas de Pós-graduação/PPG, subordinados à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES, órgão do Ministério da Educação (KIMURA, 2010).

Além da questão geográfica, outras iniquidades estão presentes na produção científica atualmente, como instabilidade em relação ao fomento de pesquisas, a infraestrutura das universidades, a produção e a socialização da produção científica no âmbito nacional e internacional, a formação de uma massa crítica atuante dentro das academias e no meio social, entre outros.

A participação nos Grupos de Pesquisa possibilita a indução de novos pesquisadores e se constitui em diferencial na formação de docentes, discentes e profissionais de uma área específica. Ademais, o Grupo de Pesquisa pode ser compreendido como parte de um Coletivo de Pensamento e também como um dos mecanismos reguladores/norteadores de um determinado Estilo de Pensamento, pois é um espaço que permite a construção coletiva do conhecimento ao mesmo tempo em que o mantém.

Nesse sentido, a produção científica produzida a partir da pesquisa é fundamental para a manutenção de um Estilo de Pensamento, pois permite a circulação do conhecimento entre o círculo esotérico e o círculo exotérico e a coerção do pensamento.

Segundo Fleck (1992), toda teoria científica tem uma época de classicismo, em que somente existem situações que se encaixam perfeitamente nela, e outra de complicações, onde começam a aparecer exceções, sendo que ao final as exceções superam os casos regulares. Nesse momento ocorre o rompimento da harmonia das ilusões e a instauração de um novo Estilo no Coletivo de Pensamento.

Além do sistema universitário, instituições independentes procuram construir e consolidar pontes interdisciplinares, como os centros de altos estudos ou de estudos avançados. Estes prezam pela autonomia e constituem locais privilegiados para o livre exercício intelectual e para a experimentação de novas dinâmicas cognitivas (OLIVEIRA, 2015).

Estes estabelecimentos hospedam cientistas e estudantes por temporadas, com o propósito de promover o intercâmbio intelectual entre pesquisadores de diferentes áreas (humanas, exatas e biológicas) e, dessa forma, contribuir para o avanço do conhecimento e de novos caminhos epistêmicos (OLIVEIRA, 2015).

Por exemplo, a *Fondation Brocher* é uma fundação não lucrativa, privada, suíça, reconhecida como de interesse público, que promove simpósios e *workshops* que reúnem diferentes pesquisadores, alunos, universidades, organizações não governamentais para discutir um ramo da ciência que é recente e de extrema importância: as implicações éticas, legais, sociais e econômicas do desenvolvimento da medicina (FONDATION BROCHER, 2016).

O Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC) foi criado em 1994, em Foz do Iguaçu, Brasil, para receber, acolher, hospedar e oferecer ambiente para professores, alunos, cientistas, voluntário-pesquisadores a fim de que possam desenvolver pesquisas e ampliar suas abordagens em estruturas como a Holoteca, Holociclo, Laboratórios e o *Tertuliarium* (OLIVEIRA, 2016).

A Holoteca é um ambiente cultural destinado à pesquisa e exposição de artefatos do saber, classificados em coleções ou “tecas”. Entre as coleções está a Cognoteca, que reúne obras relacionadas ao conhecimento ou Epistemologia (MENDONÇA, 2016).

As obras da Cognoteca dizem respeito às condições precedentes e predisponentes ao conhecimento; assimilação e elaboração; validade e verificabilidade; representação e aplicabilidade; circulação; história; sociologia e psicologia do conhecimento (MENDONÇA, 2016).

Como exemplos dessas obras, Mendonça (2016) cita a “Crítica da Razão Pura” de Immanuel Kant, que busca determinar os princípios que governam o entendimento humano e os limites de sua aplicação, e “A Origem das Espécies” de Charles Darwin, que demonstrou como as espécies se desenvolvem umas a partir das outras.

A obra de Darwin promoveu mudanças no estilo de pensamento dos coletivos na época, primeiro gerando refutação e descrédito sobre o autor e posteriormente, reconhecendo a validade do fato científico proposto e a sua devida importância para as ciências.

A existência de espaços interdisciplinares, que promovam diálogos interparadigmáticos, entre os círculos esotéricos e exotéricos, podem favorecer mudanças no Estilo de Pensamento. Os diferentes Coletivos e Estilos de Pensamento podem interagir nas zonas fronteiriças – espaços de transição – para a construção do conhecimento (FLECK, 1992).

CONSTRUÇÃO DO SABER SOBRE CONSCIÊNCIA

Desde a famosa inscrição “Conhece-te a ti mesmo”, a abordagem da autoconsciência gera desconfortos e enfrentamentos. Mendonça (2016) destaca que a base dessa afirmação provém da inscrição do templo de Apolo, o célebre oráculo de Delfos na Grécia Antiga. Nesse mesmo templo, Sócrates foi anunciado como o homem mais sábio, ao afirmar: “Só sei que nada sei”.

O posicionamento de questionar a si e a tudo é base do método ou maiêutica socrática, que desenvolve a investigação filosófica através do diálogo, por meio de perguntas simples, de modo a promover a autorreflexão e a busca por valores e verdades.

Assim como na Antiguidade, estas são bases fundamentais da Conscienciologia: o estudo da autoconsciência e o princípio da descrença: “Não acredite em nada. Tenha suas próprias experiências”. Waldo Vieira, o proponente da Ciência Conscienciologia defendia ainda: “O mundo íntimo da consciência é muito mais interessante que o universo exterior” (VIEIRA, 1994a, contracapa).

A aplicação do princípio da descrença, pela própria consciência, convida ao exercício de transpor o Estilo de Pensamento da Conscienciologia, e ainda, de questionar os estilos de pensamento com os quais a consciência se identifica. Tal ação objetiva romper as fronteiras do conhecimento, na busca de novas verdades relativas de ponta, ou *verpons*.

A ideia de desenvolver *verpons* vai ao encontro da proposta de Fleck (1992) que orienta criar novos termos para definir novos conceitos científicos, os quais vão além dos conceitos previamente definidos pelo coletivo. Esse é o processo dinâmico de renovação de conceitos nas ciências. No caso da Conscienciologia, a proposição de novos termos frequentemente se relaciona com a necessidade explicativa de aspectos da realidade não material, também chamada de multidimensional.

Nesse sentido, a título de exemplo de neotermo, pode-se compreender o caso da palavra *cosmoética* ou ética universal como a atualização do conceito de *virtude* do Socratismo (MENDONÇA, 2015). A partir da transformação dos estilos de pensamento e da compreensão das diversas dimensões existenciais, pode-se ampliar a virtude do bem acima de tudo e todos para a ética cósmica, acima das convenções humanas.

O mesmo raciocínio pode-se aplicar para entender a mudança que Mendonça (2015) verifica na atualização do conceito de *autoconsciência*: como produto do autoconhecimento na linha, ou estilo, de pensamento do Socratismo; para a autoconsciência como produto da autopesquisa multidimensional no *corpus*, ou coletivo, da Conscienciologia.

Nesse processo, a discordância permite o avanço e a evolução do conhecimento a partir da verificação de verdades que estão sempre mudando (BALONA, 2015). A ambivalência, a flexibilidade mental e a evitação da clivagem do certo ou

errado permitem a revisão periódica do sistema pessoal de crenças e o progresso na autopesquisa.

Este é o desafio do estudo da consciência e da autopesquisa: desenvolver o diálogo interparadigmático necessário para quebrar o comodismo e buscar uma ciência melhor para cada um mudar a si mesmo, em busca de tranquilidade íntima, fraternidade e cosmoética. A construção do conhecimento, no paradigma consciencial, está interessada no desenvolvimento e na evolutividade do próprio pesquisador, em primeira instância, e a partir daí, daqueles que tomam contato com a pesquisa e decidem por utilizar seus achados.

Dentre as principais metas do cientista para desenvolver a postura de pesquisador conscienciológico, Ribeiro (2010) propõe: a necessidade de ampliar a autoconfiança e simultaneamente a criticidade no emprego do autoparapsiquismo; desistir de encaixar a vida multidimensional no método cartesiano; conviver com a imprecisão na construção de parâmetros confiáveis de auto e hetero-observação; e dirigir o foco prioritário da pesquisa para si mesmo, antes de observar os demais.

Vieira (2010) entendia que para a maioria das pessoas, ainda muito envolvidas com os postulados da ciência convencional, newtoniana-cartesiana, fisicalista, baseada no elétron e na matéria, a Conscienciologia seria considerada paraciência ou pseudociência. Reconhecia-se como microminoria na sociedade comum e científica, devido a sua perspectiva.

Entretanto, os fatos científicos apresentados pela neociência Conscienciologia foram capazes de modificar a harmonia das ilusões de diferentes estilos e coletivos de pensamento. Desse modo, provocaram a mudança no estilo de pensamento e promoveram a organização de um círculo esotérico de pesquisadores-voluntários para estudar a consciência de acordo com a neociência.

Atualmente, inúmeras pessoas se aproximam do estilo de pensamento da Conscienciologia, mesclando os princípios da Conscienciologia com a ciência convencional em matizes e, a partir da experiência pessoal, desenvolvendo a autopesquisa e ampliando a autoconsciência.

Cada grupo de pessoas que compõem voluntariamente as Instituições Conscienciocêntricas (ICs) produz e aprofunda o conhecimento da Conscienciologia diferenciando-se, pouco a pouco, em um CP próprio, ao reunir pesquisadores, alunos e pessoal de apoio técnico para pensar coletivamente a produção e a regulação de um EP. O mesmo ocorre com os colégios invisíveis, os grupos de pesquisa e as empresas conscienciocêntricas, organizadas a partir do vínculo consciencial³, exercido de forma voluntária, à diferença do vínculo empregatício convencional (VIEIRA, 2013).

3 “O vínculo consciencial é a aplicação dos liames do voluntário, homem ou mulher, na vida humana, notadamente na família consanguínea, no círculo social de amizades e nos trabalhos da empresa humana ou da Instituição Conscienciocêntrica (IC), sem o vínculo empregatício convencional.” (Vieira, 2013, p. 7104)

Cada grupo compõe assim um círculo esotérico, formado por produtores de conhecimento relativo a uma IC, e ao mesmo tempo, compõe um círculo exotérico, fonte para a produção e consumidores dos estudos sobre consciência.

Dessa forma, a Conscienciologia enquanto EP pode ser compreendida como uma construção histórico-social que pode mudar conforme as mudanças do CP, identificadas a partir dos textos publicados pelos membros do coletivo, por exemplo, os artigos científicos, livros e verbetes da Enciclopédia da Conscienciologia (VIEIRA, 2013).

Atualmente em desenvolvimento, a Enciclopédia da Conscienciologia possui mais de 500 colaboradores, já tendo escrito um total de mais de 3.500 verbetes (MENDONÇA, 2015; ICGE, 2016).

Uma pessoa pertence, conforme já apontado por Fleck (1992), a vários coletivos de pensamento ao mesmo tempo. No entanto, ao expandir tal afirmação para a abordagem multidimensional proposta pela Conscienciologia, a quantidade de EP e CP afinizados a essa pessoa se amplia ainda mais, devido às experiências de múltiplas vidas humanas acumuladas, intercaladas com períodos intermissivos.

Uma oportunidade para identificação dos EP e CP da consciência são os cursos intermissivos, ofertados no período intermissivo, que é o intervalo de tempo entre as vidas humanas. Segundo Mota (2016, p. 21), o curso intermissivo é um modelo educacional avançado, “com objetivo de esclarecer sobre a realidade multidimensional da consciência e aplicar ferramentas para aceleração evolutiva, visando à preparação para a próxima vida humana”. Nestes cursos, a consciência é convidada ao autoenfrentamento da sua holobiografia, com oportunidade de revisar suas manifestações e conceitos, e ampliar sua autoconsciência.

Assim, ao se considerar a realidade extrafísica, pode-se inclusive compreender os intermissivistas (aqueles que fizeram curso intermissivo) como um coletivo de pensamento com um estilo que inclui o princípio da descrença, a multidimensionalidade, a interassistencialidade e a Cosmoética.

Durante a atual vida, os EP pregressos podem ser lembrados e atualizados pela consciência, ou permanecerem latentes. De forma semelhante, as relações interpessoais de um coletivo do passado podem ser revividas na atual existência. As afinizações promovidas nos coletivos de pensamento permitem, à consciência lúcida, assistir seus grupos do passado, sejam estes componentes ou não do seu grupo evolutivo, qualificado pela união de consciências interrelacionadas devido às experiências compartilhadas e objetivos comuns.

Ao conjunto de conhecimentos acumulados pela consciência, vida após vida, convencionou-se chamar de holomemória. A lucidez quanto aos EP e CP vividos no passado, registrados na holomemória, facilita ao autopesquisador evitar repetições desnecessárias das suas vivências, e impulsionar sua evolução.

Há o conceito, em Conscienciologia, do *antepassado de si mesmo*, ou seja, aquela pessoa ou consciência que vive, hoje, “repetindo, inconscientemente, tudo

já feito e ultrapassado em várias vidas humanas prévias (Serioxologia), por intermédio de automimeses dispensáveis, inconvenientes e contraproducentes perante a própria evolução consciencial” (VIEIRA, 2013, p. 507).

Tal consciência pode compor qualquer linha de conhecimento humana, inclusive a científica, contribuindo para a sacralização das teorias, alijando a ciência e a si mesmo de qualquer renovação. A consciência perde assim a oportunidade de reciclar seus conceitos íntimos, ou seja, de realizar a *reciclagem intraconsciencial* (ou *recin*), caracterizada pela renovação cerebral através da criação de neossinapses, permitindo a aquisição de neoideias, as quais configuram novas condutas, mais ajustadas evolutivamente, com possíveis impactos positivos para todo o seu grupo evolutivo, favorecendo a *recin* grupal.

Caso o coletivo de pensamento a que pertence essa consciência avance nas ideias, a partir de novos fatos científicos ou *verpons* que desenvolvem novos estilos, e ela não acompanhe o grupo por não admitir as mudanças, ocorre a *minidissidência*. Nesse caso, Vieira (1994b) destaca que o desconhecido, o impossível e o nunca, ao demonstrarem a ignorância da consciência, são unidades de medida de seu nível evolutivo.

Um exemplo muito conhecido dessa *minidissidência* foi descrito por Vieira (1994b) como Síndrome de Swedenborg, que relata a mudança de abordagem científica para religiosa do cientista, filósofo e parapsíquico sueco Emanuel Swedenborg, depois de vivenciar uma experiência de clarividência.

Em oposição, está a pessoa que recicla o conhecimento a ponto de romper os vínculos com seu coletivo de pensamento, em uma *dissidência* a maior do grupo evolutivo, ou *maxidissidência*, como é a situação relatada pelo ex-sacerdote católico Marcelo da Luz (2011) no livro *Onde a religião termina?*.

Nesse contexto, toda *autopesquisa* é independente e interdependente, ou seja, além da motivação pessoal, o *paracientista participativo* conta com outras consciências – seres humanos e *extrafísicos* – na condição de *staff* ou equipe de trabalho em prol do amadurecimento pessoal (BALONA, 2015). Assim, pode-se ampliar o conceito de Fleck (1992) e considerar um *paracoletivo* de pensamento que influencia o desenvolvimento de um *paraestilo*.

Dessa forma, uma importante contribuição/diferença da *Conscienciologia* à teoria de Fleck (1992) está na admissão da realidade multidimensional. Tal condição definirá a origem da consciência e sua bagagem de conhecimentos além dessa vida. A consciência passa a ser um *somatório*, além da *mesologia* e da *genética*, da sua *paramesologia* e *paragenética*.

A concepção de ideia ou pensamento também se expande, e passa a compor o *pensene*: conceito *conscienciológico* para o conjunto indissociável de pensamento-sentimento-energia. O efeito prático é a energia, impregnada do pensamento e sentimento, ser intercambiada entre as consciências, gerando influência prática além da esfera mental das ideias.

Fleck (1992, p. 49) já admitia a indissociabilidade entre pensamento e emoção, eis que para ele “o conceito do pensamento absolutamente livre de emoções não tem sentido. Não existe estado livre de emoção da mesma forma que não existe racionalidade pura”.

O conjunto dos pensenes pessoais ou grupais compõe o holopensene (holo + pen + sen + ene), capaz de influenciar a atuação da consciência, na maioria dos casos de forma inconsciente, tal qual a influência do EP descrito por Fleck (1992). O ambiente doutrinário, aliciador e repressivo cria e mantém holopensene castrador da criatividade. Por outro lado, a capacidade de a consciência perceber e mobilizar as energias reduz os efeitos indesejados das energias intrusoras (VIEIRA, 2013, p. 3616).

Como efeito prático da aproximação entre Fleck (1992) e Conscienciologia, ocorre a expansão dos conceitos em uma concepção multidimensional, em geral obtida através da inclusão da preposição “para” e aproximação com conceito conscienciológico relacionado (Quadro 3).

CONCEITO DE FLECK	CONCEITO MULTIDIMENSIONAL	APROXIMAÇÃO COM CONCEITO CONSCIENCIOLOGICO
Coletivo de pensamento	<i>Paracoletivo</i> de pensamento	Grupo evolutivo; grupocarma; família evolutiva
Estilo de pensamento	<i>Paraestilo</i> de pensamento	Holopensene, pensene
Mudança no estilo de pensamento	Mudança no <i>paraestilo</i> de pensamento	Recin grupal, minidissidência, maxidissidência
Fato científico	<i>Parafato</i> científico	Parafato; Verpon
Coerção do pensamento	<i>Paracoerção</i> de pensamento	Pressão holopensênica
Historicidade do saber	<i>Parahistoricidade</i> do saber	Parahistória

Quadro 3: Expansão dos conceitos de Fleck (1992) em uma concepção multidimensional.

Na Conscienciologia, propõe-se que a pessoa estude a si mesma, a partir de autoexperimentos práticos. “O menor caminho entre a teoria (informação) e a prática (experiência) é a técnica” (BALONA, 2015, p.41).

Entre as diversas técnicas propostas para esse fim, está a técnica da tábula rasa consciencial, que objetiva eliminar, durante um dia inteiro, os condicionamentos, repressões socioculturais, sacralização, superstições e lavagens cerebrais na análise de tudo que rodeia a consciência. De forma didática, sugere que o indivíduo se considere uma consciência não terrestre, recém-chegada neste planeta, por um dia (VIEIRA, 1994b).

Essa técnica apresenta a complexidade de exercitar a separação do estilo de pensamento do indivíduo que faz parte de um coletivo na sua análise da realidade. Se estilo é o modo de ver, entender e conceber um corpo de conhecimentos, o primeiro passo é reconhecer qual estilo orienta os valores e as decisões de uma pessoa.

As técnicas e experimentos oferecidos pela Conscienciologia podem auxiliar as consciências e os CP que elas integram a enxergar além dos próprios EP. Tal compreensão dos diferentes estilos é necessária para poder colaborar, e também, incorporar experiências e outras estratégias para compreender a evolução do conhecimento e o próprio ser humano.

No processo dinâmico de renovação da ciência, a proposta é estimular o diálogo interparadigmático e estudos que abordem a consciência em diferentes estilos e coletivos de pensamento, para contribuir com mudanças e impulsionar a construção do saber sobre consciência.

A proposta é desenvolver o trinômio autopesquisa-interassistência-evolução a partir do reconhecimento de *paraestilos* e *paracoletivos* de pensamento. Para isso, segue uma lista de ferramentas, devidamente explicitadas e esclarecidas nos verbetes da Enciclopédia da Conscienciologia (VIEIRA, 2013), que podem auxiliar nesse processo:

01. Técnica da Mobilização Básica de Energias (MBE);
02. Técnica do Estado Vibracional (EV) Profilático;
03. Tábula rasa consciencial;
04. Cosmograma;
05. Conscienciograma;
06. Retrocognições: pesquisa da memória de vidas passadas “com pinça, pincel e paciência” (ALEGRETTE, 2010, contracapa).
07. Parassociograma;
08. Inversão existencial ou invéxis;
09. Reciclagem existencial ou recéxis;
10. Tarefa Energética Pessoal ou tenepes;
11. Oficina extrafísica ou ofíex;
12. Técnica do Binômio Admiração-Discordância: “compreender não é o mesmo que concordar” (BALONA, 2015, p.114);
13. Técnica dos 10 Valores Pessoais Básicos (BALONA, 2015; VIEIRA, 1994b);
14. Técnica da Quebra dos Condicionamentos: choque de valores provocando crises de crescimento voluntárias (BALONA, 2015);
15. Técnica da autorreflexão de 5 horas;
16. Técnica dos 10 dias de isolamento;
17. Laboratório conscienciológico da Pensenologia;
18. Laboratório conscienciológico *Serenarium*.

Essas ferramentas podem auxiliar a mudança no *paraestilo* e no EP, processo fundamental para que ocorra o progresso do conhecimento, tanto na ciência quanto na própria consciência. Para Fleck (1992), o modelo de produção do conhecimento é interacionista entre sujeito e objeto, evidenciando concepção dialética da verdade. Para a Conscienciologia esse modelo se expande e integra a multidimensionalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência é mutável, realizada de modo cooperativo a partir de um contexto bio-psico-sócio-cultural. O reconhecimento de estilos e coletivos de pensamento conforme apresentados por Ludwik Fleck (1992) pode contribuir para a produção do conhecimento, em especial sobre consciência.

Para isso, são necessários espaços que promovam pontes interparadigmáticas e a convivência fraterna de diferentes estilos e coletivos de pensamento, facilitando o diálogo e o intercâmbio, como é o caso dos grupos de pesquisa dos programas de pós-graduação das universidades e dos centros de altos estudos ou estudos avançados, como o CEAEC.

A necessidade de conhecer a epistemologia e as tendências dos diferentes estilos e *paraestilos* de pensamento é fundamental para que o cientista compreenda o cenário em que está inserido e as tendências de manutenção ou oportunidades de ruptura do *status quo*. Com maior compreensão do contexto, qualifica-se para renovar seu sistema pessoal de crenças, por meio de autopesquisa, em busca de evolução contínua. E qualifica a própria ciência. Seu autoexemplo, consequentemente, poderá inspirar outros à renovação pessoal e científica.

Dessa forma, a ciência pode se aproximar do objetivo fundamental de melhorar as condições de vida de cada indivíduo, a partir do trinômio autopesquisa-interassistência-evolução, e fomentar o desenvolvimento de uma sociedade cada vez mais fraterna e cosmoética.

REFERÊNCIAS

- ALEGRETTI W. *Retrocognições: pesquisa da memória de vivências passadas*. Foz do Iguaçu: Associação Internacional Editares, 2010.
- BACKES, V.M.S. *Estilos de pensamento e práxis na enfermagem: a contribuição do estágio pré-profissional*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.
- BALONA, M. *Autocura através da reconciliação: estudo prático sobre afetividade*. Foz do Iguaçu: Associação Internacional Editares, 2015.
- BARBOSA, O. *Grande dicionário de sinônimos e antônimos*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- CARVALHO, E.C. A produção do conhecimento em enfermagem. *Revista Latino-Americana Enfermagem*, vol. 6, n.1, p. 119-122, 1998.
- CASTRILLÓN, M.C. Trends and Priorities in Nursing Research. *Revista Latino-Americana Enfermagem*, vol. 12, n.4, p. 853-8, 2004.
- CESTARI ME. Padrões de conhecimento da enfermagem e suas implicações no ensino. *Revista Gaúcha Enfermagem*, vol. 24, n.1, p. 34-32, 2003. CNPq. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. *Grupos de Pesquisa*. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/por-regiao>. Acesso em: 14 maio 2016.
- CUTOLO, L.R.A. *Estilo de pensamento em educação médica – um estudo do currículo do curso de graduação em medicina da UFSC*. Florianópolis, 2001. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

DA ROS, M.A. *Estilos de pensamento em Saúde Pública – um estudo da produção da FSPUSP e ENSP-FIOCRUZ, entre 1948 e 1994, a partir da epistemologia de Ludwik Fleck*. Florianópolis, 2000. 207 f. Tese (Doutorado em Educação), Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

ERDMANN, A.L.; LANZONI, G.M.M. Características dos grupos de pesquisa da enfermagem brasileira certificados pelo CNPq de 2005 a 2007. *Esc Anna Nery*, vol. 12, n.2, p.316-22, 2008.

FLECK, L. *Genesis and Development of a Scientific Fact*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992. 203p.

FLECK, L. *Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico*. Editora Fabrefactum, 2010, 205p.

FONDATION BROCHER. *Overview of the Brocher Foundation*. Disponível em: <http://www.brocher.ch/en/brocher-foundation-in-brief/> Acesso em: 14 maio 2016.

GIBBS, W. Lost science in the Third World. *Scientific American*, p. 92-99, 1995.

ICGE. *Instituto Cognopolitano de Geografia e Estatística*. Acessado em 24/04/16. Disponível em: www.icge.org.br

JAPIASSÚ, H. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

KIMURA, E.T. O dilema das revistas científicas brasileiras na divulgação da produção científica nacional. *Arq Bras Endocrinol Metab*. Vol. 54, n.1, 2010.

LÖWY, I. Quantification in Science and Cognition Circa 1937: A Newly Discovered Text of Ludwik Fleck. *Cience in Context*. Vol. 2, n. 2, p. 345-355, 1988.

LÖWY, I. Introduction: Ludwik Fleck's epistemology of medicine and biomedical sciences. *Stud. Hist. Phil. Biol. & Biomed. Sci*. Vol. 35, p. 437-445, 2004.

LUZ, M. *Onde a religião termina?*. Foz do Iguaçu: Associação Internacional Editares, 2011.

MENDONÇA, O. Cognoteca. *Holotecologia – Revista do Megacentro Cultural Holoteca*. Vol. 2, p. 15-21, 2015.

MINAYO, M.C.S. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8ª. Edição, São Paulo: HUCITEC, 2004.

MINAYO, M.C.S.; SANCHEZ, O. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cad. Saúde Pública*, Vol. 9, n. 3, 1993.

MOTA, T. *Curso Intermissoivo: você se preparou para os desafios da vida humana?*. Foz do Iguaçu: Editares, 2016.

JUNGHANS, M. Traduzindo Fleck: entrevista com Georg Otte e Mariana Camilo de Oliveira. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, n.4, out.-dez. 2011, p.1151-1158

OLIVEIRA, N. Altos Estudos ou Estudos Avançados. *Holotecologia Revista do Megacentro Cultural Holoteca*. Vol. 2, p. 82, 2015.

PIRES, D.E.P. *Contexto Social II*. Disciplina do curso de graduação em enfermagem da UFSC, jul – dez, 2005, Nota de Aula.

RIBEIRO, L. Escrever no Paradigma Consciencial. *Scriptor*, v.1.n.1, p.16-28, 2010.

SCHÄEFER, L.; SCHNELLE, T. *Los fundamentos de la Visión Sociológica de Ludwik Fleck de la teoría de la Ciencia*. In: FLECK, Ludwik. *La génesis y el desarrollo de un hecho científico*. Alianza Editorial: Madrid, 1986. p. 9-42.

VIEIRA, W. *O que é a Conscienciologia*. Rio de Janeiro: Instituto Internacional de Projeciologia, 1994a. 180 p.

VIEIRA, W. *700 Experimentos da Conscienciologia*. Rio de Janeiro: Instituto Internacional de Projeciologia, 1994b. 1058 p.

VIEIRA, W. *Os Caminhos da Consciência*. Revista Psique Ciência e Vida. 2010. Disponível em: <http://psiquecienciaevida.uol.com.br/ESPS/Edicoes/48/artigo160133-1.asp> Acessado em 19.04.2016.

VIEIRA, W. (Org.); *Enciclopédia da Conscienciologia*. 8a ed. Digital. Versão 8.00. Foz do Iguaçu: Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC) & Associação Internacional Editares, 2013.

Fernanda Cabral Schweitzer é especialista em Medicina do Trabalho (AMB/ANAMT); graduada em medicina (UFSC). Voluntária da Conscienciologia desde 1999, atuando hoje na Associação Internacional para Expansão da Conscienciologia (AIEC) e na Associação Internacional de Intercâmbio Conscienciológico (INTERCONS), docente de Conscienciologia desde 2001.

Mariana Cabral Schweitzer é Doutora em Ciências (USP-UCP), mestre em Enfermagem (UFSC), especialista em Acupuntura (CIEPH-Shandong University), especialista em Saúde Pública (UFSC) e graduada em Enfermagem (UFSC). Voluntária da Associação Internacional de Pesquisa Laboratorial de Ectoplasma e Paracirurgia (ECTOLAB) desde 2013. Membro editorial da Revista Interparadigmas desde 2015.